



Gestão Escolar, Inovação e Qualidade de Ensino: Reflexão Sobre a Prática da Autoavaliação na Escola Salesiana

Judá Ben-Hur Silva Rodrigues¹

Resumo: Este estudo tem o objetivo de fazer reflexões sobre a prática da autoavaliação na Escola Salesiana, como inovação, em vista da qualidade no ensino. Através de pesquisa bibliográfica, com a revisão das ideias de vários teóricos renomados, conclui-se que, tradicionalmente, os processos avaliativos são entendidos, quase exclusivamente, como itinerários para verificação, seleção e classificação dos estudantes. No entanto, reflexões sobre autoavaliação, discorrem, sobre tais itinerários, como processos integrados que objetivam o desenvolvimento da aprendizagem, não sendo estáticos, mas processuais, cíclicos e contínuos. Nesse cenário, vale a pena pensar em como melhorar esses itinerários no objetivo do desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem significativa do aluno, sobretudo quando se trata de uma aliada à gestão escolar, que objetiva o êxito da aprendizagem como prestação de serviço à sociedade.

Palavras-chave: gestão, autoavaliação, aprendizagem, inovação, qualidade do ensino.

School Management, Innovation and Teaching Quality: Reflection on the Practice of Self-Assessment at the Salesian School

Abstract: This study aims to reflect on the practice of self-assessment at the Salesian School, as an innovation, in view of the quality of teaching. Through bibliographical research, with the review of the ideas of several renowned theorists, it is concluded that, traditionally, evaluation processes are understood, almost exclusively, as itineraries for verification, selection and classification of students. However, reflections on self-assessment discuss such itineraries as integrated processes that aim to develop learning, not being static, but procedural, cyclical and continuous. In this scenario, it is worth thinking about how to improve these itineraries with the aim of developing student autonomy and meaningful learning, especially when it is an ally to school management, which aims to achieve successful learning as a service to society.

Keywords: management, self-assessment, learning, innovation, teaching quality.

¹ Graduado em Filosofia pelo Instituto Salesiano de Filosofia. Mestre em Educação pela Universidad de Santiago de Chile (USACH), com menção em Currículo e Avaliação. Especialização em Gestão Escolar e Pedagogia Salesiana. E-mail: judahurr@gmail.com.

Introdução

Atualmente, no campo da gestão escolar, há um crescente interesse em torno de inovações que indiquem possibilidades de êxito na aprendizagem dos estudantes, principal razão de uma comunidade educativa. Uma das principais apostas permeia o campo da avaliação formativa, em vista dos indicativos de melhoria do processo de ensino e aprendizagem, em sala de aula, com maior motivação e qualidade nos processos educativos institucionais.

Avaliar, sem dúvida, é e sempre será desafiador. É assim, porque exige que seja fruto de uma vivência, em processo, e que contemple, em vista de ser significativa, a participação ativa dos estudantes como protagonistas de seu processo educativo. Falar sobre autoavaliação, portanto, não se trata de recordar sua funcionalidade, apenas, mas, de ter a possibilidade de reinterpretar o que foi aprendido, para aprender mais e melhor.

No contexto atual, onde persiste uma vasta cultura de possibilidades de ser e conhecer, a avaliação pode favorecer duas realidades possíveis ao estudante: classificá-lo ou promover sua aprendizagem, tornando-a significativa. Tal prática de autonomia e protagonismo no contexto escolar, desperta para a vivência e à necessidade de uma educação que seja aberta à reflexão, à inclusão; que seja diversificada nos instrumentos e nas múltiplas possibilidades de ensino para a vida e para prosseguir aprendendo.

Reconhecendo a autoavaliação como uma inovação para a comunidade educativa do Colégio Juvenal de Carvalho, como Escola Salesiana, e percebendo as possibilidades favoráveis para o desenvolvimento da autonomia do estudante fora e dentro da sala de aula, e em consequência, a melhoria na consciência sobre o seu processo de aprendizagem, êxito escolar e qualidade educativa, o problema a ser investigado, portanto, se configura no seguinte: quais estratégias são necessárias para implementação da prática da autoavaliação em sala de aula, no objetivo de melhorar as aprendizagens dos estudantes na Escola Salesiana?

Por essa razão, o presente projeto, que se baseia em uma teorização a partir de uma inovação realizada em uma realidade concreta, se refere à autoavaliação como ferramenta que permite que aos estudantes e educadores maior compreensão de si mesmos como aprendizes e educadores comprometidos, cada um em suas responsabilidades, com uma renovada mentalidade em sala de aula e nos processos educacionais em vista de maior qualidade da educação em todos os seus âmbitos.

Autoavaliação, Inovação e Qualidade da Educação

É consenso que as transformações sociais dos últimos anos vêm modificando a compreensão sobre a escola e o modo como se acompanha a aprendizagem dos estudantes, presentes nos mais variados ambientes educativos. Sem dúvidas, a avaliação é um dos fatores mais expressivos a ser levado em conta neste processo.

A presente investigação versa sobre autoavaliação em sala de aula para melhoria da aprendizagem dos estudantes e como tal, para a melhoria da qualidade da educação. Neste contexto, deve ser considerada parte integrante do processo de ensino e aprendizagem, e não uma etapa isolada do caminho.

Neste contexto, é importante observar que:

Quando a avaliação é realizada alheia à aprendizagem, quem é avaliado acode ao momento da recepção da avaliação como recurso de salvação. Quando a avaliação e a aprendizagem ocorrem simultaneamente, quem é avaliado produz, cria, discrimina, imagina, analisa, duvida, necessita constatar, erra e corrige, elabora respostas, fórmula perguntas quando surgem às dúvidas, pede ajuda, busca em outras fontes, avalia. Ou seja, põe em prática o conhecimento e sua capacidade de argumentar. Age de um modo consciente e responsável sobre a sua própria aprendizagem (Álvarez Mendez, 2002, p.65).

Tradicionalmente, os processos avaliativos formativos, têm servido quase que exclusivamente, como itinerários para verificação, seleção e classificação dos estudantes. Contudo, as reflexões em torno da avaliação formativa, e conseqüentemente, sobre autoavaliação, discorrem, sobre tais itinerários, como processos integrados que objetivam o desenvolvimento das aprendizagens, não sendo estáticos, mas processuais, cíclicos e contínuos. Neste panorama, convém refletir sobre como aperfeiçoar estes itinerários no objetivo do desenvolvimento da autonomia e da aprendizagem significativa do estudante. A autoavaliação, assim, como esfera da avaliação formativa, revela-se como caminho possível, pois se baseia na relação professor e aluno, e neste contexto, apresenta-se como potencializadora do processo formativo.

A ideia de que é necessário pensar sobre as atividades do cotidiano pedagógico com as juventudes, essencialmente partindo de suas realidades e necessidades, evocam a urgência de oportunizar, também na avaliação, o que os jovens estudantes têm a partilhar sobre suas visões do cotidiano, das experiências realizadas, dos aprendizados vividos, dos insucessos e também, das sugestões que podem surgir a partir do diálogo com seus professores.

Libâneo (2004, p. 235) afirma que a “avaliação diz respeito a um conjunto de ações voltadas para o estudo sistemático de um fenômeno, uma situação, um processo, um evento, uma pessoa visando a emitir um juízo de valor”. A avaliação, assim, propõe reunir informações, tendo diversos e diferentes meios de verificação dos aspectos avaliados para, com base nos juízos de valor, tomar decisões pertinentes em vista da aprendizagem.

No objetivo de proporcionar autonomia aos estudantes em sala de aula, esta proposta de inovação, relata a construção de um projeto de autoavaliação, proposta pelos educadores, onde os estudantes são envolvidos, tendo como objetivo a melhoria da aprendizagem em sala de aula e da escola como um todo.

Costa e Vieira (2006, p. 176), neste contexto, afirmam que participar é “influir através de palavras e atos, nos acontecimentos que afetam a vida de todos aqueles em relação aos quais assumiu uma atitude de não indiferença, uma atitude de valoração positiva”. Outra coisa não se espera dos estudantes e seus educadores, ao realizarem a experiência da autoavaliação: que participem da vida uns dos outros e que, cada um em sua ambiência, desenvolva um pensar reflexivo sobre as aprendizagens, melhorando-as e resignificando-as. Assim, o envolvimento e a participação vão aos poucos desenvolvendo a autonomia e a motivação para ensinar e aprender mais e melhor.

A partir deste itinerário-projeto, a fim de possibilitar que a autoavaliação seja vivenciada, na Escola Salesiana, para a melhoria das aprendizagens e garanta o processo de reflexão pessoal e comunitário de educadores e estudantes esta proposta de inovação, pretende refletir: sobre suas práticas e suas responsabilidades no processo de ensino e aprendizagem, que sistematize a prática da retroalimentação como fundante no diálogo em sala de aula, que potencialize uma atenção formativa sobre os erros e insucessos, que possibilite um planejamento avaliativo que contemple a participação dos estudantes, que viabilize a integração entre as várias ciências em perspectiva interdisciplinar, que atue como catalisador de melhorias para a organização didática, estrutural e metodológica das aulas e dos ambientes utilizados e, sobretudo, possibilite um avanço na perspectiva formativa da avaliação no contexto escolar.

Sobre inovação, é possível dizer, a partir da literatura existente, que a origem da palavra inovação vem do latim, *innovatio*, e designa renovação, indicando que algo novo deverá acontecer; algo que não era feito antes, uma novidade. Trata-se, ainda, de um termo usado com frequência para indicar alguma novidade sobre determinada ação

ou circunstância. De certo, quando ocorre esse dinamismo do “novo”, paralelamente, é provável que haja o julgamento de que algo positivo e com diferencial ocorreu ou ocorrerá.

Segundo Rios (2008), uma inovação educativa deve proporcionar à escola, e neste contexto, aos vários sujeitos e em suas convivências, uma mudança positiva e, conseqüentemente, melhorar a realidade em suas variadas dimensões.

Neste contexto, é importante destacar, que a inovação proposta persegue o pensamento de Carbonell (2002, p. 20), segundo ele, a inovação educativa, nas vivências e nos contextos diversos, se associa à ideia de renovação pedagógica. Ele, nesta direção, diferencia inovação de reforma, e explica que inovação ou reforma tem a ver com o tamanho da mudança que se quer realizar. Nesta proposta de inovação a mudança está voltada para o interior da sala de aula, com expectativa de alcance de toda comunidade educativa:

[...] intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas. E, por sua vez, introduzir, em linha renovadora, novos projetos e programas, materiais curriculares, estratégias de ensino e aprendizagem, modelos didáticos e outra forma de organizar e gerir o currículo, a escola e a dinâmica da classe (Carbonell, 2002, p. 19).

A fim de melhor contextualizar o itinerário a que se propõe esta investigação, a seguir, propõem-se alguns conceitos que elucidam a compreensão das ideias propostas neste itinerário.

Avaliação em Foco

Partir de um conceito sobre o tema avaliação é importante para conhecer os contextos relacionados e delimitar a área de investigação desejada. Para tanto, neste contexto, propõe-se o conceito de Hadji (2001) que define a avaliação como uma leitura influenciada por expectativas específicas referentes à produção de um produtor particular, em função do que se sabe, ou de que se descobre, progressivamente. Segundo ele:

A função da avaliação é favorecer o percurso dos aprendizes e regular as ações de sua formação, bem como possibilitar a certificação. Não deve ser punitiva quando os aprendizes não alcançarem resultados satisfatórios nas verificações, mas ajudar os aprendizes a identificar melhor as suas necessidades de formação para que possam empreender o esforço necessário para realizar sua parcela de investimento na sua própria formação (Hadji, 2001, p. 42).

São conhecidas pela literatura, no tocante a função da avaliação, três perspectivas, pressupostos ou modalidades existentes, a saber: somativa, diagnóstica e a formativa.

A modalidade somativa, baseada na psicologia comportamental de Skinner, caracteriza a avaliação como instrumento de medida, verificação, seleção e classificação. Em geral se propunha, e ainda hoje se propõe, a ser e caracterizar-se por provas objetivas, testes de rendimento escolar, formas de avaliações padronizadas, a classificação dos alunos em fortes, médios e fracos. Os autores Wachowicz e Romanowski assim a descrevem:

A avaliação somativa manifesta-se nas propostas de abordagem tradicional, em que a condução do ensino está centrada no professor, baseia-se na verificação do desempenho dos alunos perante os objetivos de ensino estabelecidos no planejamento. Para examinar os resultados obtidos, são utilizados teste e provas, verificando quais objetivos foram atingidos considerando-se o padrão de aprendizagem desejável e, principalmente, fazendo o registro quantitativo do percentual deles. (Wachowicz e Ramanowski, 2003, p. 124,125).

Por avaliação diagnóstica, compreende-se a investigação das razões dos fracassos e sucessos na prática educativa, em qualquer momento do seu percurso (início, meio e fim). Para Kraemer (2006) a avaliação diagnóstica baseia-se por investigar a aprendizagem dos conteúdos novos e os conteúdos anteriores, como chão de análise, para criar um diagnóstico das dificuldades futuras, permitindo então resolver situações presentes.

A modalidade formativa, contrapondo a avaliação somativa, proporciona o levantamento de informações úteis à regulação do processo ensino-aprendizagem, contribuindo para a efetivação da atividade de ensino. Tal enfoque compreende o erro como parte momentânea do processo de aprendizagem oferecendo possibilidades, ao estudante, de avançar e tornar o aprendizado significativo.

A Autoavaliação no Contexto da Avaliação Formativa

Considerando a autoavaliação uma estratégia valiosa que contribui para qualidade da educação, nota-se, portanto, as realidades escolares brasileiras revelam-se distantes de práticas avaliativas, que influam significativamente na aprendizagem de seus alunos.

Como ponto de partida e no desejo de aprofundar sobre o tema da autoavaliação é indispensável delinear um conceito ou explicação sobre a que se refere o termo ou ação investigada. Tal inferência é de fundamental importância, como conceituação pessoal, pelo

fato da própria etimologia da palavra sugerir: do grego, *autós*, que significa de si mesmo, portanto, nomear para conhecer e aprofundar.

No contexto da avaliação formativa, compreendida como processo integrado que objetiva desenvolver as aprendizagens, não sendo estática, mas processual, cíclica e contínua, constata-se que, tradicionalmente, os processos avaliativos ditos formativos, têm servido quase que exclusivamente, como itinerários para verificação, seleção e classificação dos estudantes. Neste panorama, convém refletir sobre como melhorar os processos avaliativos objetivando o desenvolvimento da aprendizagem significativa e da autonomia do estudante.

Silva (2006) no seu texto Avaliação formativa por meio da tutoria por alunos: efeitos no desempenho cognitivo e no nível de satisfação dos aprendizes, afirma, que a avaliação formativa, e, por conseguinte a autoavaliação, no contexto brasileiro, encontra três dificuldades para o seu desenvolvimento, a saber: por se tratar de uma modalidade de avaliação que, todavia, não é bem assimilada pelos docentes, acaba tornando-se um instrumento frágil, no processo de ensino-aprendizagem; pelo fato de que a conjuntura institucional está orientada à dimensão classificatória, dificultando a aplicabilidade da avaliação formativa; pela constatação de que a execução deste instrumento implica mudança de percepção do processo de ensino-aprendizagem por parte da equipe pedagógica e dos estudantes.

Smole (2001) apresenta a autoavaliação com uma avaliação que o aluno faz sobre si mesmo, sobre suas ações e suas aprendizagens. É como uma leitura pessoal de suas conquistas, seus avanços e necessidades, observando limites e pontos de superação. Defende, que no cotidiano da escola e em sala de aula, especialmente, se criem oportunidades para a sua prática. A autoavaliação pode conferir ao aluno uma posição diferente, fazendo dele não um simples executor de ordens, mas alguém que tem clareza das metas do projeto, das críticas ao seu trabalho, domínio de seu caminhar.

Nesta direção, compreender que a autoavaliação é um processo amplo, em ação, que abrange o cotidiano e todas as relações educativas, e nesse relacionamento que promove o aluno como sujeito de descobertas e protagonismos, a aprendizagem passa a assumir um novo rosto, capaz de atrair e congrega professores e estudantes como parceiros e corresponsáveis na caminhada educativa.

Sara Hoffman, neste contexto apresenta o seguinte pensamento:

Um processo de autoavaliação só tem significado enquanto reflexão do educando, tomada de consciência individual sobre suas aprendizagens e condutas cotidianas, de forma natural e espontânea como aspecto intrínseco ao seu desenvolvimento, e

para ampliar o âmbito de suas possibilidades iniciais, favorecendo a sua superação em termos intelectuais. Ao pensar e escrever sobre suas estratégias de aprendizagem – explicar, porque resolveu um problema de matemática utilizando-se de determinados cálculos – o aluno objetiva tais estratégias, pensa sobre a sua própria forma de pensar, alargando o campo de sua consciência sobre os conceitos e noções implícitos ao fazer (Hoffmann, 2004, p. 53).

Sem sombra de dúvidas, assim, como parte do cotidiano que se predispõe a ser um processo intencional com foco na melhoria da aprendizagem, é necessário, contudo, que a autoavaliação em sala de aula, não seja apenas fruto de relatórios estruturados e vazios, onde o participante responda corriqueiramente, ao final do ciclo letivo do ano acadêmico, sobre o seu desempenho. É importante que ela seja compreendida como parte integrante do cotidiano e da aprendizagem, levando em consideração a necessidade de o professor proporcionar momentos em que o aluno tenha possibilidade de demonstrar o que aprendeu.

Finalidade da Autoavaliação em Sala de Aula: Autonomia dos Estudantes

A prática da autoavaliação, como itinerário a ser vivenciado em sala de aula, e que redescobre o papel do estudante como corresponsável pela sua aprendizagem, é, ainda, no contexto escolar brasileiro subutilizada no cotidiano escolar. Sobre esta prática, neste escrito, serão apresentadas muitas finalidades a que se destina a autoavaliação. Por opção, a reflexão seguirá sobre uma delas, a saber: a maior autonomia do estudante no processo de ensino e aprendizagem.

Sem dúvidas a principal finalidade das práticas auto avaliativas em sala de aula é desenvolvimento da autonomia do estudante, ao ponto que ele se sinta participante, corresponsável e ao mesmo tempo sujeito de sua aprendizagem. Afinal, em tais práticas, o papel do professor de animar o pedagógico da sala de aula não se altera, o que muda é o papel do estudante que passa a ser corresponsável pelas tarefas e, conseqüentemente, agir com maior protagonismo e autonomia frente a sua aprendizagem.

Sobre autonomia, Jean Piaget (1896-1980), psicólogo e filósofo suíço, oferece elementos valiosos sobre autonomia, em especial, nos escritos sobre o desenvolvimento da criança e autonomia moral. Segundo ele:

Toda moral consiste num sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser procurada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras e essência da moral é o respeito às regras e, tal respeito é a capacidade intelectual de compreender que a regra expressa uma racionalidade em si mesma equilibrada. A

partir daí, decorre a ideia de que o sujeito moral autônomo não seria o criador das regras, mas aquele que sabe respeitá-las. (Piaget, 1994, p. 11).

Segundo o pensador, a criança se desenvolve moralmente, neste sentido, quando internaliza os valores da sociedade e as regras do seu contexto, que até então eram externas a ela. Assim, pensar autonomamente não é pensar individualmente, mas, todavia, refletir e agir sobre as regras a partir do respeito construído nas relações e experiências vivenciadas.

Sobre autonomia, Sandrini (2015) reflete que, a autonomia é o quarto estágio do desenvolvimento da pessoa em se processo educativo, e este estágio é precedido por outros três: a-nomia, hetero-nomia e sócio-nomia. Segundo ele, a finalidade da educação é educar pessoas com convicções pessoais que sejam autônomas. É importante perceber, contudo, que existe uma diferença entre autonomia e autossuficiência. Autossuficientes são as pessoas que tem convicções próprias e fazem o que querem, quando querem e como querem em qualquer momento não importando a existência dos outros e da coletividade. Autônoma, ao contrário, é a pessoa que tem convicções e ideias próprias, dialoga, constrói consensos, sabe renunciar a visões pessoais e caminha junto com o grupo e com a comunidade.

Sem dúvidas, aprendizagem, autonomia e autoavaliação, possuem relações estreitas e se bem conduzidas e orientadas despertam o jovem estudante para a experiência do protagonismo. É certo que os estudantes orientados pelas experiências de uma aprendizagem que faça sentido, pois os jovens enxergam no ambiente uma oportunidade de construir novos conhecimentos e mudar a sua realidade.

Maura Vasconcellos (2009) reflete o seguinte pensamento sobre a dinâmica existente entre avaliação e reflexão (autorreflexão) com foco no cotidiano:

O ato de avaliar na vida cotidiana dá-se permanentemente pela unidade imediata de pensamento e ação, a partir de juízos, opiniões assumidas como corretas e que ajudam nas tomadas de decisões. A refletir, visando uma tomada de decisão, o homem coloca em funcionamento os seus sentidos, seu intelecto, habilidades, paixões, ideais e ideologias. Nessas relações estão implícitos não só aspectos pessoais dos indivíduos, mas também aqueles adquiridos em suas relações sociais (Vasconcellos, 2009, p. 29).

É neste contexto que a autoavaliação assume um lugar de destaque no novo pensar sobre a avaliação. Seu papel privilegiado, neste sentido, se dá porque dentre as regulações possíveis e existentes, esta se dá em execução pelo próprio estudante. Segundo Santos (2002), através de um processo de metacognição, o aluno apreende os vários momentos e aspetos da

sua atividade cognitiva e exerce um autocontrole consciente, refletido e crítico sobre as suas ações e seus aprendizados.

Para o aluno autoavaliar-se é altamente favorável o desafio do professor, provocando-o a refletir sobre o que está fazendo, retomar passo a passo seus processos, tomar consciência das estratégias de pensamento utilizadas. Mas não é tarefa simples. Para tal, ele precisará ajustar suas perguntas e desafios às possibilidades de cada um, às etapas do processo em que se encontra, priorizando uns e outros aspectos, decidindo sobre o que, como e quando falar, refletindo sobre o seu papel frente à possível vulnerabilidade do aprendiz. Nesse sentido, o caráter intuitivo e ético do educador faz-se fortemente presente, porque ele precisará promover tal reflexão a partir do papel que lhe cumpre e da forma de relacionamento que deseja estabelecer com seus alunos. Ao promover tais ações e desafiar os estudantes a refletir, o professor também estará refletindo sobre processos didáticos, sobre a adequação de suas perguntas, críticas, comentários, tomando consciência sobre o seu pensar e o seu fazer, num processo igualmente de autoavaliação. Seus registros e anotações o auxiliarão nesse sentido, por objetivar o seu pensamento sobre o aluno, levando-o a tomar novas decisões (Hoffmann, 2004. p. 54).

O estudante, assim, ao realizar processos auto avaliativos, vai desenvolvendo um itinerário que lhe permite ordenar suas aprendizagens futuras, por meio da reflexão que faz em torno dos seus sucessos e insucessos e não apenas isto, desenvolve também o pensar reflexivo do professor sobre a sua prática e sobre as possibilidades possíveis para melhorar, adequando mais acompanhamento e mais interesse pela própria formação.

Autoavaliação na Escola Salesiana

No contexto da Rede Salesiana de Escolas, pensar sobre autoavaliação, como instrumento onde o estudante reflita sobre o caminho percorrido, olhando seus sucessos e insucessos é, sem dúvidas, considerar um aceno significativo para o protagonismo juvenil, tão enfatizado nas práticas salesianas. É importante, então, perceber que há uma relação muito estreita entre autonomia e protagonismo, tão necessários para o desenvolvimento das juventudes.

Neste sentido, segundo o Projeto Educativo Pastoral da Rede Salesiana de Escolas (2016) a avaliação nos variados ambientes deve buscar a formação de uma consciência reflexiva por parte do aluno significa, entre outras coisas, que ele precisa assumir a parcela que lhe cabe de responsabilidade sobre a sua aprendizagem. Para isso deve perceber que a avaliação serve para aconselhar, informar, indicar mudanças, funcionando em uma lógica

cooperativa que faz do diálogo, uma prática e da reflexão, uma constante. A avaliação, neste contexto, revela-se como potencializadora e responsável por fazer com que o aluno perceba o valor do que aprende, porque se sente corresponsável pela sua aprendizagem e, por isso, protagonista em seu ambiente educativo.

Baeza (2002) afirma que uma educação de qualidade exige reconhecer os atores e autores implicados e no caso dos estudantes é necessário acompanhamento que permita escutar sua voz, que articula sentimentos e vivências, que não necessariamente se expressam nos códigos habituais do mundo adulto. Ainda segundo o autor, “nos mais variados ambientes educativos não existem apenas alunos, mas jovens cidadãos, com direitos e deveres. Seu valor não se baseia não se baseia na potencialidade de serem cidadãos do futuro: são cidadãos agora”.

Em síntese, a Rede Salesiana, crê que para professores e estudantes, a autoavaliação, permite uma visão cada vez mais delineada sobre o itinerário de ensinar e aprender, sendo ela, é o elemento articulador do processo de ensino e aprendizagem pelo acompanhamento que faz das ações pedagógicas e seus resultados no cotidiano da sala de aula, de modo que todos os participantes do projeto pedagógico tomem consciência de suas identidades, suas diferenças, responsabilidades e avanços, na busca da autonomia necessária para a compreensão dos mais variados contextos do mundo.

Estratégias para Autoavaliar em Sala de Aula

É sabido, que quanto mais democrático o ambiente educativo, mais democráticos serão os instrumentos utilizados para avaliar o percurso de aprendizado do estudante, que, no contexto da avaliação formativa, se dá em caminho e em diálogo.

Pelo visto, até agora, implementar a prática da autoavaliação nos processos de aprendizagem em sala de aula é tão importante, quanto os materiais de inovação tecnológica existentes nos mais variados ambientes educativos. Tal pertinência é necessária, haja vista, que enquanto a tecnologia facilita a aprendizagem e a torna mais atraente e dinâmica, a autoavaliação, por sua vez, possibilita que o estudante reflita sobre o que /como aprendeu, e identifique seus sucessos e insucessos a fim de melhorar o necessário para aprender mais e melhor. Isso torna a aprendizagem significativa e autoavaliação torna isso possível, atribui significado ao que foi aprendido.

No decurso definitivo e propositivo sobre as estratégias possíveis para a vivência da prática da autoavaliação em sala de aula, convém, portanto, certo conhecimento acerca do conceito sobre estratégia, considerando que o termo/ação proposto é algo fundamental para as organizações da atualidade.

A palavra estratégia segundo o autor Stead (2008) origina-se do grego “strategos”, sendo traduzida como “general ao comando de tropas” ou “a arte do general”, ou ainda “plano de destruição de inimigos através do efetivo uso de recursos”. Estratégia foi criada pelos gregos, que deram ao conceito uma conotação militar.

Neste contexto, alguns fatores são importantes para a delimitação de estratégias para lograr êxito na implementação de processos autoavaliativos. De modo, que ao mesmo tempo, tais fatores, quando analisados na vivência educativa, tornam-se, possivelmente, também, em potenciais caminhos a serem operacionalizados em um planejamento. Abaixo, elencam-se quatro principais: o ambiente, a participação do educador, a participação do estudante e os instrumentos autoavaliativos.

O Ambiente Educativo como Potencializador do Processo Autoavaliativo

É imprescindível a premissa de que a realização das práticas avaliativas não se concretiza alheias ao ambiente em que os principais interlocutores envolvidos, educandos e educadores, convivam e promovam experiências cotidianas. Assim, por ambiente educativo, segundo ótica da educação salesiana, compreende-se, como sendo constituído pelas pessoas, em sua integralidade, estruturas físicas, normas, leis e os modos de fazer que incidem sobre a vida de todos os que participam da comunidade educativa.

Sobre a sala de aula, na prática da autoavaliação, espera-se que seja um ambiente de vivências que corroborem em uma verdadeira *Pedagogia da Autonomia* e que proponha, cotidianamente, o envolvimento como premissa condicional para a aprendizagem, em sentido preventivo como via de formação.

O ambiente educativo na escola salesiana, assim, se estrutura a luz da experiência de São João Bosco (1815-1888), fundador da Sociedade Salesiana e da espiritualidade que anima os institutos e associações derivadas deste carisma.

Bosco afirmava que “em todo jovem, mesmo naquele que se encontra numa situação deplorável, há um ponto acessível ao bem, e o primeiro dever do educador é buscar esse ponto, esta corda sensível do coração e tirar proveito da mesma” (Lemoine; Ceria & Amadei, 1898-

1939, p. 367). Foi um educador que não realizou uma pesquisa antropológica exaustiva, como Stein, a fim de chegar a fundamentações teóricas do trabalho educativo – sem, contudo, certamente, desconsiderar que era um homem versado em conhecimentos antropológicos, filosóficos e teológicos, pelos estudos recebidos no seminário – mas aprendeu, com a sua prática educativa e sacerdotal, a conhecer os jovens a partir deles mesmos, escutando-os e, sobretudo, tendo uma imensa capacidade de acolhê-los a partir de suas condições de vida.

Para a existência de tal ambiência o professor, apoiado pela estrutura gerencial da escola (coordenações, direção, etc.) deve aproximar o aluno do saber e do processo de aprendizagem, ajudá-lo a aprender a aprender, desenvolver a capacidade de gerir a própria aprendizagem, encorajar a responsabilidade e a assunção de uma postura proativa no processo de aprender, desenvolver uma perspectiva crítica da escola, do saber e da aprendizagem, promover a relação entre a aprendizagem e o cotidiano ao qual se está em constante diálogo.

A Participação do Educador

Muitos pensadores consensuam que acompanhar é uma verdadeira arte e que o segredo de um bom acompanhamento é, justamente, retroalimentar os processos e buscar alternativas novas ou antigas para adequar o processo de ensino na ótica da aprendizagem significativa.

Segundo Martinez (2003), os professores podem e devem possibilitar que o estudante seja capaz de valorar por si mesmo como está cumprindo ou cumpriu seus objetivos de aprendizagem. Segundo a autora, o trabalho em torno da autoavaliação é difícil e promissor porque, na medida em que se consegue realizá-lo, estar-se-á contribuindo para desenvolvimento de formações complexas associadas à criatividade e a autonomia. Todo esse processo, contudo, terá sucesso a partir do tempo do acompanhamento do educador e da capacidade de incidir coerentemente nos processos de seus educandos.

A partir deste ponto de vista é um erro pensar que o estudante realizará os processos de autoavaliação por si, simplesmente, e que sem acompanhamento conseguirá desenvolver-se autonomamente em sala de aula. Nesta direção:

A autoavaliação não vai ser apenas, aquela baseada em relatórios estruturados onde os alunos são orientados para responderem sobre o seu comportamento durante as aulas, trabalhos individuais e de grupos, ou sobre o seu interesse pelo assunto estudado. A autoavaliação do aluno deve proporcionar uma reflexão mais

profunda, um momento de parada e de encontro do aluno com o objeto de conhecimento, uma análise das alterações ocorridas durante as interações existentes entre eles, sujeito da aprendizagem, e o novo saber (Kenski, 1995, p. 140-141).

Para tanto, é fundamentalmente necessária à parceria significativa entre professor e aluno para compor o sucesso da autoavaliação. Tal relacionamento é igualmente importante em todos os aspectos do itinerário autoavaliativo:

A preparação do aluno para se avaliar retoma a questão da concepção do trabalho pedagógico do qual ele participa. A autoavaliação, no seu verdadeiro sentido, não combina com o trabalho pedagógico em que todas as decisões cabem ao professor. Observa-se o uso seu uso em momentos definidos pelo professor e por meio de roteiros ou formulários por ele organizados. Isso deixa o aluno em posição incomoda porque não sabe se pode ser honesto e o que será feito com as informações por ele fornecidas. Quando isso acontece, percebe-se que a autoavaliação não faz parte do contexto. Utilizá-la porque é 'moda' ou porque 'fica bem' não faz sentido (Villas Boas, 2001, p. 194).

A participação do educador, neste sentido, sugere a vivência do magistério como mediador, e não, simplesmente, como mero transmissor de conteúdos prontos e acabados, ao ponto de despertar profundo interesse na efetividade da aprendizagem, objetivo derradeiro de sua práxis. Dessa maneira, a prática educativa, na didática, reflexão e na metodologia, traduzida em acompanhamento, precisa ser vivenciada pelos professores como um instrumento que possibilite uma educação com elevado nível de qualidade.

A Participação do Estudante

É a partir desta lógica, no envolvimento do estudante como corresponsável pela sua aprendizagem, que o processo de ensino garante o cumprimento a que se objetiva. Pois, na perspectiva de formar para sair de si, conhecendo-se, descobrindo-se, que o educando vai desenvolvendo-se em autonomia.

Nesta direção, os alunos requerem dos seus docentes a utilização de processos de ensino dinamizados e compatíveis com sua realidade, sempre dinâmica, enriquecida de afeto, projeção e esperança. Santo e Luz (2012, p. 8475) apontam que, na atual sociedade do conhecimento:

Um dos grandes desafios e, sobretudo, oportunidades para uma aprendizagem significativa é transformar a aula em um espaço coletivo e privilegiado que permita não mais a mera transmissão de informações, mas sim a construção de saberes e

debates acerca de questões inerentes aos seus estudos e as suas vivências. (Santo e Luz, 2012, p. 8475)

Para Hadji (2001), a passagem de uma avaliação normativa para a formativa, neste contexto, implica necessariamente uma modificação das práticas do professor em sala de aula, quando passa a compreender que o aprendiz não é só o ponto de partida, mas também o de chegada, e mais ainda, o percurso se faz com ele. Seu progresso, assim, só pode ser percebido quando comparado com ele mesmo: em perceber de onde partiu como está no presente e onde pretende ir.

A impossibilidade do protagonismo dos jovens em seus centros escolares converte tais centros em espaços formativos surdos e descontextualizados. Tal carência de diálogo conduz para uma visão sobre os estudantes altamente simplificada, experimentando, assim, a interação pedagógica sem considerá-los como sujeitos autônomos, como identidades próprias e situados em um tempo e espaço que são seus. Assim, segundo a UNESCO:

Os alunos não são objetos da educação, mas sujeitos de direitos a uma educação, que potencie ao máximo seu desenvolvimento como pessoas e lhes permita influir na sociedade em que estão imersos... Sem embargo, persiste ainda uma cultura muito instalada de considerar os alunos como meros receptores e reprodutores de informação e não como sujeitos ativos na construção de conhecimentos. A educação, assim, deve ter como centro os alunos e considerá-los como protagonistas de sua aprendizagem e não como receptores do ensino (UNESCO, 2002, p.15).

A avaliação, nesta direção, tanto pode auxiliar o aluno a aprender (Perrenoud, 2007) como proporcionar um melhor conhecimento do aluno pelo seu professor, afim de que este último possa auxiliar seu educando, durante todo o processo de ensino, em seu percurso singular de construção de conhecimentos. A avaliação, enfim, deve contribuir para o sucesso do aluno, para sua construção de saberes e competências (Hadji, 2001), mas não pode estar centrada apenas no final do processo ensino e aprendizagem, deve portanto, estar envolvida em todo seu desenvolvimento (Bassani & Behar, 2009).

Os Instrumentos

No desejo de contextualizar sobre instrumentos avaliativos emerge uma constatação fundamental: não há a melhor ou a única forma de avaliar para acompanhar a aprendizagem

dos alunos. Neste contexto, a eficiência e pertinência de um possível modelo de avaliação dependem do contexto vivido, das pessoas envolvidas no itinerário, das metas e objetivos estabelecidos pela proposta de ensino e aprendizagem a ela relacionados, entre tantos outros fatores possíveis. O fato é que é inegável notar que a escolha, utilização e elaboração de instrumentos avaliativos congruentes com as atitudes já descritas acima é um aspecto importante a ser levado em conta no planejamento e no cotidiano das práticas educativas.

Escolher e elaborar instrumentos de avaliação, o melhor, autoavaliação, ultrapassa a simples preparação técnica, revelando a necessidade de múltiplos modos e instrumentos e a percepção do tempo apropriado para sua utilização, é claro que organizados, em função dos objetivos e informações que se pretende obter. Nesta direção, o que confere relevância a um instrumento não é sua sofisticação, mas o uso que fazemos dele e das informações que ele proporciona. Não existe itinerário autoavaliativo sem o recolhimento de dados para serem analisados, isso aponta para a importância de preparar bem os instrumentos avaliativos a serem utilizados, a escolha, definição e critérios são fundamentais para o êxito do processo.

Seja em forma escrita, oral, em grupo ou individual, a autoavaliação, pode e deve ser utilizada continuamente ao longo das atividades desenvolvidas no contexto da sala de aula. Assim, existem vários tipos de instrumentos conhecidos: escrever as reuniões, discussões (com toda a classe ou em pequenos grupos); diários de reflexão, listas de verificação de autoavaliação, entrevistas entre professor e aluno, rubricas, escalas tipo likert, entre outras. Segundo Roaldo (1981) existem alguns pressupostos fundamentais para o êxito das ações auto avaliativas, a saber:

- **PLANEJAMENTO:** sempre com antecedência levando em consideração os objetivos o tempo, o ambiente e os materiais a serem utilizados.
- **ORGANIZAÇÃO:** os instrumentos devem ser formulados de modo que leve o estudante a organizar ou aplicar no cotidiano de sua aprendizagem as reflexões realizadas; As interrogantes propostas, na mesma direção, devem ser redigidas de modo claro e compreensível, sendo bem definida, limitada e específica; a linguagem utilizada deve permitir a mesma interpretação por todos os estudantes.
- **CONSCIENTIZAÇÃO:** os objetivos a serem alcançados com os processos autoavaliativos devem ser conhecidos pelos estudantes, de modo que, todas as possíveis incompreensões possam ser sanadas.

- **ACOMPANHAMENTO:** diz respeito à retroalimentação que deve existir, sempre, após os processos autoavaliativos.
- **CONTINUIDADE:** não deve ser ocasional, no desejo de variar nas estratégias avaliativas, mas, inovadora na perspectiva de ser parte do cotidiano em todas as estratégias previstas.

Martins (2006) esclarece que:

O planejamento não é um fim em si mesmo, mas um meio de se preparar e organizar a ação tendo em vista um objetivo. Daí a importância de se acompanhar essa ação tendo em vista um objetivo, a fim de alterá-la sempre que se constatar inadequação nas decisões previamente tomadas. Tais inadequações só serão percebidas se os objetivos estiverem sempre presentes para as pessoas envolvidas no processo. (Martins (2006, p. 87)

Vale salientar que a variedade de instrumentos favorece a individualização do processo de ensino e aprendizagem, permitindo que esta última seja uma experiência que se dá no coletivo, mas é única para cada aluno enquanto aprendiz. Mais que isso, a escolha de diferentes instrumentos permite, sem dúvidas, uma visão mais consciente do progresso de cada um por meio da comparação dos estudantes com seus desempenhos anteriores e não com outros alunos, como é comum, nos mais variados ambientes educativos.

Considerações finais

Sem dúvidas, enfim, a implementação da autoavaliação no objetivo de potencializar a aprendizagem dos estudantes e como consequência a melhoria da qualidade da educação, é uma realidade possível, pois assume o objetivo da formação humana no contexto escolar, favorecendo a efetivação de uma aprendizagem ativa, disruptiva e significativa.

Referências

Baeza, J. “Leer desde los alumnos (as), condición necesaria para una convivencia escolar democrática. “*In: UNESCO: Educación Secundaria: un camino para el desarrollo Humano*. Santiago de Chile. *In: <<http://www.cidpa.org/txt/articulos/Unescoart%EDculo.doc>>*. Acessado em 23 de dezembro de 2019.

- Bateman, T. S. e Snell, Scott A. (1996). *Management: building competitive advantage*. Richard D. Irwin.
- Blaya, C. (2007). *Processo de Avaliação*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/tramser/med/textos/2004_07_20_tex.htm>, acesso em: 24 de setembro de 2019.
- Boletim Salesiano. *Educação da consciência moral*. Brasília, ano 65, nº 05, p.23, setembro de 2015.
- Carbonell, J. (2002) *A aventura de inovar: a mudança na escola*. Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, M. B. de (2015) *A inovação tecnológica em educação e saúde: um caminho promissor*. Disponível em: www.telessaude.uerj.br/resource/goldbook/pdf/41.pdf. Acessado em 27 de outubro de 2016.
- Castanho, Maria Eugênio L. M. (1982). *Pedagogia universitária: a aula em foco*. Campinas: Papirus.
- Dicastério Para A Pastoral Juvenil. (2014) *Quadro de Referencial 3ª edição*. Editora S.D.B: Roma.
- Duboux. (1992). *L'Auto-évaluation, instrument de motivation pour lês mathématiques, "mémoire professionnel"*. Bourgogne: IUFM.
- Freire, Paulo. (1996) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, L. (2003). *A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado*. São Paulo: Cortez.
- Gomes Da Costa. Antônio C. & Vieira, Maria A. (2006) *Protagonismo Juvenil. Adolescência, Educação e Participação Democrática*. São Paulo: FTD.
- Hadgi, C. (1997). *A avaliação desmistificada*. Paris: ESF Éditeur.
- Hoffmann, J. (2004). *Avaliar para promover: as setas do caminho*. Porto Alegre: Mediação.
- Libâneo, J. C. (2004) *Organização e Gestão da Escola: teoria e Prática*. Goiânia: Alternativa.
- Maximiano, Antonio C. (2006). *Introdução à Administração*. 6ª ed. São Paulo: Atlas.
- Martins, O. L. P. (2006) *Didática teórica/didática prática: para além do confronto*. São Paulo: Loyola.
- Messina, G. (2001) *Mudança e inovação educacional: notas para reflexão*. Cadernos de Pesquisa, nº 114. São Paulo: Fundação Carlos Chagas.
- Nunes, Ana I. B. L.; Silveira, R. do N. (2009). *Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos*. Brasília: Liber Livro.
- Perrenoud, Philippe (1999). *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed.

Perrenoud, Philippe (2002). *A prática reflexiva no ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed.

Piaget, Jean (1993). *O julgamento moral na criança*. 2ª edição. Trad. E. Lenardon. São Paulo: Summus.

Richardson, V. (2001). *The handbook of research on teaching*. 4. ed. Washington: DC: American Educational Research Association.

Rios, Daniel M. (2008) *Proyectos de Innovación Educativa: Texto de Apoyo Didáctico para la Formación del Alumno*. Colección Módulos Pedagógicos. USACH – Departamento de Educación: Santiago.

Romanowski, Joana P., Wachowicz, Lílian A. (2003). *Processos de ensinagem na universidade: Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula*. In: Anastasiou, Lea das Graças Camargo. SC: UNIVILLE.

Shepard, L. A. (1998). *The role of classroom assessment in teaching and learning*. Washington, DC: National Education Goals Panel.

Smole, Kátia C. S. (2001). *Inteligência e avaliação: da idéia de medida à idéia de projeto*. Tese de doutorado pela FE/USP.

Stead, J.G.; Stead, W.E. (2008). Sustainable strategic management: an evolutionary perspective. *International Journal of Sustainable Strategic Management*, v.1, n.1, p.62-81.

Steiner, G.A.; Miner, J.B. (1977). *Management policy and strategy: text, readings and cases*. New York: McMillan Publishers Inc.

Vasconcelos, M. M. Maura (2009). *Avaliação e ética*. 2.ed. Londrina: Eduel.

Villas Boas, B. M. de F. (2001). Avaliação formativa: em busca do desenvolvimento do aluno, do professor e da escola. IN: Veiga, I.P.A. e Fonseca, M. (orgs.). *As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola*. Campinas, S.P: Papyrus.

UNESCO (2002). *Proyecto Regional de Educación para America Latina y el Caribe. Primera reunión intergubernamental del Proyecto Regional*. La Habana: Unesco.

Zimmerman, B. J. Attaining self-regulation (2000). *A social cognitive perspective*. In: Boekaerts, M.; Pintrich, P. R.; Zeidner, M. (Eds.). *Handbook of self-regulation*. San Diego: Academic Press.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

RODRIGUES, Judá Ben-Hur Silva. Gestão Escolar, Inovação e Qualidade de Ensino: Reflexão Sobre a Prática da Autoavaliação na Escola Salesiana. **Id on Line Rev. Psic.**, Maio/2024, vol.18, n.71, p. 152-170, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 30/04/2024; Aceito 08/05/2024; Publicado em: 31/05/2024.